



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA ELPÍDIA GONDIM DO AMARAL

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO(A) EDUCADOR(A) NA
SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

MARIA ELPÍDIA GONDIM DO AMARAL

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO(A) EDUCADOR(A) NA
SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profa. Ms. Simone Joaquim Cavalcante

JOÃO PESSOA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A485p Amaral, Maria Elpídia Gondim do
A prática pedagógica do(a) educador(a) na sala de aula da
educação de jovens e adultos [manuscrito] : / Maria Elpídia
Gondim do Amaral. - 2014.
47 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Ma. Simone Joaquim Cavalcante,
Departamento de Educação".

1. Aprendizagem. 2. Educação de Jovens e Adultos. 2.
Docente. 3. Prática pedagógica. I. Título.

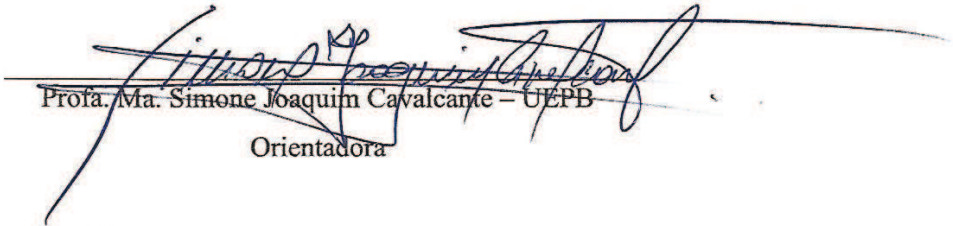
21. ed. CDD 371.3

MARIA ELPÍDIA GONDIM DO AMARAL

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO(A) EDUCADOR(A) NA
SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

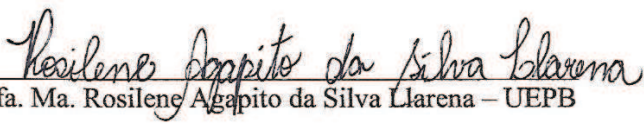
Monografia apresentada ao Curso de Especialização
em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares da Universidade Estadual da
Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço
Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 19 / 07 / 2014.



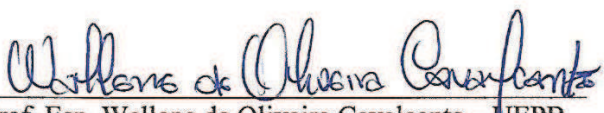
Prof. Ma. Simone Joaquim Cavalcante – UEPB

Orientadora



Prof. Ma. Rosilene Agapito da Silva Llerena – UEPB

Membro



Prof. Esp. Wallene de Oliveira Cavalcante – UEPB

Membro

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha família e amigos que
contribuíram significativamente para a construção do mesmo .*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força espiritual durante a realização desse trabalho.

Aos meus familiares, em especial aos filhos, que proporcionaram o apoio, a segurança e a coragem necessários para seguir nessa caminhada.

À professora orientadora da Monografia, Simone Joaquim Cavalcante, pelas contribuições teóricas e orientações.

Aos amigos e colegas de turma, especialmente, Socorro Dantas, Edilene e Gorete pelas alegrias, dúvidas e tristezas compartilhadas.

Aos queridos funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, Profs. Ricardo e Francisco pela contribuição na construção desse desafio.

À professora da disciplina de Monografia, Izandra Gomes por seus ensinamentos, paciência e reflexões ao longo dos anos de 2013-2014.

À coordenação do Curso da Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, por sua dedicação e organização.

A todos os professores dessa especialização, especialmente a: Alcilene e Nerize pelo imprescindível auxílio ao longo dessa jornada, compartilhando experiências e multiplicando meus conhecimentos pessoais e profissionais.

Aos sujeitos da pesquisa, pelo apoio na construção e efetivação dessa Monografia.

A todos, meu obrigado.

O TEMPO

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando se vê, já é sexta-feira!

Quando se vê, já é natal...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.

Quando se vê passaram 50 anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado...

Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...

Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...

E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.

Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.

A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

Mario Quintana

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a prática do(a) educador(a) na sala de aula na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como, apresentar algumas considerações históricas sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil; demonstrar as principais características dos discente e docente na EJA; e compreender o processo contínuo de avaliação do ensino-aprendizagem nessa modalidade de ensino. A finalidade deste trabalho é contribuir para a construção de novos instrumentos e estratégias que venham melhorar a prática pedagógica do(a) educador(a) na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Miguelinho, na cidade de João Pessoa/Paraíba, com 9 professores(as) que ministram aulas na Educação de Jovens e Adultos. Após a análise dos dados, foi realizada a discussão teórica através de vários autores(as), como: Brasil (2006, 2008); Ribeiro (2001), entre outros.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA). Docente. Prática pedagógica.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo o sexo, maio de 2014.....34
- Gráfico 2** – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo o estado civil, maio de 2014.....34
- Gráfico 3** – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a situação profissional, maio de 2014.....35
- Gráfico 4** - Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a satisfação com a remuneração que recebe, maio de 2014.....36
- Gráfico 5** - Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a busca de meios alternativos e/ou outros recursos materiais para diversificar sua prática pedagógica, maio de 2014.....37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a idade, maio de 2014.....	34
Tabela 2 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a escolaridade, maio de 2014.....	35
Tabela 3 - Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a realização de planejamento semanal para administrar as aulas, maio de 2014.....	35
Tabela 4 - Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a realização de curso de aperfeiçoamento para melhorar a prática pedagógica, maio de 2014.....	36
Tabela 5 - Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a motivação para lecionar na EJA, maio de 2014.....	37
Tabela 5.1 - Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a justificativa da motivação para lecionar na EJA, maio de 2014.....	38
Tabela 6 - Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo como é estabelecido a avaliação do desempenho dos alunos, maio de 2014.....	38
Tabela 7 - Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a sugestão para modificar a realidade da prática pedagógica, com relação a evasão escolar, maio de 2014.....	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA BREVE CONSIDERAÇÃO.....	17
2.1 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM NA MODALIDADE EJA.....	19
3. A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EJA NA E.E.E.F. PADRE MIGUELINHO.....	29
3.1 ATIVIDADES OBSERVADAS.....	29
3.2 RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO.....	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
5. REFERÊNCIAS.....	43
6. ANEXO I.....	47

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) expandiu-se no cenário nacional através da união entre alfabetização e Educação Popular, proporcionada pelos trabalhos de Paulo Freire com as classes menos favorecidas, ou seja, aquelas que apresentavam condições dignas mínimas de sobrevivência. Esse grande contingente populacional que era formado por desempregados, subempregados, sem teto, trabalhadores urbanos e rurais, etc, que por algum motivo, não se interessavam ou não conseguiram continuar os estudos na idade adequada, apresentando-se assim, excluídos do processo educativo, mesmo sendo detentores de uma saber diferenciado, o qual não era valorizado. Esse “tipo” de educação era voltada para os parâmetros ético-políticos e intelectuais dessa classe, em que as propostas de ensino eram direcionadas para o atendimento das necessidades e dos reais interesses desses sujeitos.

Assim, Paulo Freire elaborou uma metodologia que fosse propícia para estimular a capacidade de compreensão de mundo desses aprendizes, localizando-os na sociedade e promovendo uma autorreflexão crítica construtiva, consciente e participativa quanto à elaboração de mudanças significativas no meio sócio-político-cultural em que viviam. Esse contexto impulsionou a incorporação da EJA na Educação Básica, tornando-a um instrumento fundamental na constituição do sujeito adulto ativo, com autoria de pensamento e autonomia, formando assim, o indivíduo para mediatizar e instigar alterações coletivas.

A Educação de Jovens e Adultos tem sido configurada como uma nova chance de reinserção social e efetivação da cidadania (para aqueles segmentos da população que o acesso e/ou permanência à(na) escolarização regular foi prejudicado(a)), uma vez que, ainda de forma tardia, é direito de todos os sujeitos, prosseguir nos estudos. Nessa modalidade de educação, os indivíduos apresentam experiências diferenciadas, nos mais variados aspectos e saberes, ao quais devem ser valorizados e servir de guia para conduzir o processo educativo.

Hoje, a EJA é um avanço no processo de ensino-aprendizagem e um desafio para as escolas e os educadores, devido à variação da faixa etária de sua clientela, a qual carece de mais atenção e compreensão, pois esta é constituída de sujeitos que trabalham o dia e a noite e já chegam cansados para a lida escolar. Por isso, a escola de um modo geral, deve procurar conhecer o seu alunado, para valorizar o que eles trazem de especial, dando assim, continuidade a um processo de ensino-aprendizagem promissor e com resultados positivos para a educação. Isso possibilitará o resgate da cidadania destes estudantes, que depositam na EJA, a perspectiva de um futuro melhor.

O curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, foi de fundamental importância para a construção desta monografia, uma vez que, os módulos estudados durante esse período possibilitou-me: atualização teórica, construções individuais e coletivas, trocas de experiências e interações significativas com colegas e professores, abordando temáticas e discussões que se entrelaçavam com a EJA, o que instigou-me na elaboração desse documento científico, já que sou gestora de uma escola estadual, que trabalha com a Educação de Jovens e Adultos, no turno noturno. Eu sou pedagoga e quase desisto desse curso de especialização, pois não tenho habilidade em Educação à Distância (EAD) e tive muitas dificuldades; mas, com o incentivo e força de colegas e professores fui continuando; hoje me sinto vitoriosa.

Durante a minha vida profissional como educadora e gestora, pude observar que a clientela da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é muito heterogênea (jovens, adultos e idosos), o que dificulta a elaboração de estratégias eficientes, bem como, a interação entre os grupos. No que se refere a prática docente, verifiquei que a maioria dos professores apresenta dificuldade em trabalhar com esses alunos de faixa etária tão diversificada, e isso pode ser uma das causas de favorecimento da evasão escolar, realidade tão presente nos dias atuais, especialmente, no tangente a modalidade de ensino da EJA. Os alunos que retomam a sala de aula, nessa faixa etária avançada, apresentam à escola crenças e valores já constituídos e diferenciados, relacionados, principalmente, às suas experiências nas práticas sociais; o que pode configurar também, a existência de casos de *bullying* e indisciplina.

Assim sendo, para o sucesso desse aprendizado é preciso que a escola e os professores, engajados nesse tipo de ensino, sejam ou estejam preparados para realizar um acompanhamento mais sistematizado, com metodologias diferenciadas que priorizem o seu alunado, proporcionando uma forma de acesso gratificante e interessante para estes, que, por algum motivo, se perderam no tempo da sua infância ou adolescência.

Vários textos legais abrangem essa temática, como: a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no Título VIII da Ordem Social, Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I – Da Educação, o qual afirma que, no Art. 208, é dever do Estado garantir *educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria*, referindo-se assim, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) de forma “reparadora” ou como maneira de

proporcionar uma educação diferenciada ao sujeito que não seguiu ou completou suas etapas de escolarização no tempo e faixa etária apropriados. Foi a partir desse novo instrumento legal que a modalidade da EJA foi enfatizada perante o contexto educacional da país, ampliando-se assim, as possibilidades de estudar à nível fundamental e médio.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), no Capítulo II, Da Educação Básica, na Seção V - Da Educação de Jovens e Adultos, também afirma que no Art. 37, *a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.*

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Diante do exposto verifica-se a importância que a lei estabelece ao enfatizar o currículo oculto do aluno durante o processo de escolarização (prática educativa profissional): o que ele já sabe e conhece, suas expectativas, desejos, anseios, objetivos, metas, etc, que serão ou poderão ser conquistadas a partir dessa nova possibilidade de estudo. Faz-se necessário mencionar também, que é de responsabilidade dos governantes, o acesso e a permanência dos aprendizes na unidade educativa, tornando-se uma preocupação evidente as altas taxas de fracasso e evasão escolar, que assolam o sistema de ensino.

O Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001), logo na introdução, revela a *garantia de ensino fundamental a todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria ou que não o concluíram. A erradicação do analfabetismo faz parte dessa prioridade, considerando-se a alfabetização de jovens e adultos como ponto de partida e parte intrínseca desse nível de ensino. A alfabetização dessa população é entendida no sentido amplo de domínio dos instrumentos básicos da cultura letrada, das operações matemáticas elementares, da evolução histórica da sociedade humana, da diversidade do espaço físico e político mundial e da constituição da sociedade brasileira. Envolve, ainda, a formação do cidadão responsável e consciente de seus direitos e deveres.*

Nesse documento descreve-se a importância da alfabetização na EJA para um patamar de constituição da sociedade brasileira, ou seja, algo que é benéfico para o

desenvolvimento de toda a nação. Esses sujeitos que estavam a margem do progresso, tornam-se mentores do processo (de modo ativo), possibilitando alternativas de cunho eficaz e eficiente, uma vez que, por apresentarem-se numa faixa etária avançada, possuem opiniões mais coesas e coerentes com a realidade.

Já a Resolução CNE/CEB, nº 1, de 5 de Julho de 2000, que abrange as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, no seu Art. 5, revela que *como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio.*

A valorização dos jovens e adultos como seres próprios e distintos das outras demandas que procuram a escola constitui um objetivo a ser efetivado no âmbito institucional, pois estes também estão em processo de construção do conhecimento e devem ser reconhecidos pelos perfis heterogêneos e os princípios que permeiam cada sujeito a buscar novamente a escolarização. Conhecer suas experiências e os motivos dessa nova caminhada educativa possibilita a oferta de uma educação para a vida, uma vez que, a EJA capacita o estudante no aspecto psicossocial (elevando a autoestima do mesmo), como também, na formação de um cidadão consciente dos seus direitos e deveres. Além disso, a EJA pode propiciar a capacitação para a aquisição de novos empregos, nos quais, muitas vezes, é preciso que o sujeito saiba ler e escrever.

Dessa forma, pretende-se analisar a prática do(a) educador(a) na sala de aula na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, bem como, apresentar algumas considerações históricas sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil; demonstrar as principais características do discente e docente na EJA; e compreender o processo contínuo de avaliação do ensino-aprendizagem nessa modalidade de ensino. Isso possibilitará a busca de elementos que irão contribuir para uma prática pedagógica reflexiva, tornando a escola um ambiente agradável, estimulando o educando a valorizar a sua permanência na mesma. A finalidade deste trabalho portanto, é contribuir para a construção de novos instrumentos e estratégias que venham melhorar a prática pedagógica do(a) educador(a) na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos.

No que se refere a metodologia, esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Miguelinho, localizada na Av. da Fraternidade, s/n, na periferia do

bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa - Paraíba. Essa instituição de ensino foi fundada em 01 de agosto de 1985 e abrange a Educação Básica I e II (nos turnos manhã e tarde) e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) à noite. Os participantes da pesquisa foram 9 professores(as) que ministram aulas na Educação de Jovens e Adultos, nesta unidade de ensino, no horário noturno (19:00 às 22:30); esses participantes foram escolhidos através do quadro de professores existentes no mês de Maio/2014 na referida instituição.

No que se refere aos objetivos, a presente pesquisa foi do tipo descritiva, visto que, segundo Bervian e Cervo (2002), ela proporciona a descrição das características de determinada população ou fenômeno, sem a interferência do pesquisador; além da utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como: o questionário (ANDRADE, 2006).

E quanto aos procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa em estudo foi um levantamento, pois conforme Santos (2002, p. 162), a mesma “refere-se aos estudos que, interrogando-se de forma clara e direta, indivíduos dos quais se objetiva saber o comportamento, busca informações de todos os componentes de um determinado universo pesquisado, através de amostras”.

O instrumento utilizado na pesquisa foi o questionário, pois segundo Andrade (2001, p. 151), “é um conjunto de perguntas claras e objetivas que o informante responde, sem necessidade da presença e explicações adicionais do pesquisador”. O questionário dessa pesquisa foi composto de 12 perguntas semiestruturadas (das quais, 9 foram objetivas) elaboradas pela própria pesquisadora. O procedimento de aplicação do questionário durou 3 dias e realizou-se de acordo com a jornada de trabalho do grupo estudado, na referida escola.

A natureza da pesquisa foi quantitativa-qualitativa. Segundo Gomes (2003, p. 25-26), “o quantitativo significa quantificar opiniões, dados, nas formas de coletas de informações”; conforme Diehl (2004), as pesquisas qualitativas, por sua vez, descrevem a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, e contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos.

Para melhor compreensão do leitor, a referida pesquisa foi organizada em forma de trabalho monográfico, sendo composta por três partes. Na primeira etapa apresenta-se a fundamentação teórica (abordando aspectos relacionados à Educação de Jovens e Adultos e à construção do conhecimento e o processo de ensino-aprendizagem na modalidade EJA) citando diversos autores, como: Aroeira; Bizzotto; Porto, 2010; Brasil, 2006; Di Pierro; Joia; Ribeiro, 2001; Freire, 1986; Friedrich e colaboradores, 2010; Libâneo, 1994; Ortiz, 2002;

Romanelli, 2013; Vasconcellos, 2000; etc. O segundo ponto diz respeito à prática pedagógica na EJA na E.E.E.F. Padre Miguelinho, abrangendo: as atividades observadas e a apresentação do resultado e discussão dos dados do questionário. Por fim, expõe-se nas considerações finais, a importância do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, para a construção dessa monografia, como também, um panorama geral a respeito do docente e do discente inseridos na EJA e algumas sugestões para melhorar a dinâmica observada nessa unidade escolar, no que se refere a essa modalidade de ensino.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA BREVE CONSIDERAÇÃO

A história da educação brasileira foi influenciada, em seus pressupostos, por diferentes períodos políticos em que os governantes exerciam suas práticas conforme os interesses ou necessidades específicas da classe social a que pertenciam. Romanelli (2013, p. 19) reflete a história da educação brasileira com o seguinte remate:

Cada fase da história do ensino brasileiro vai refletir a interligação desses fatores: a herança cultural, atuando sobre os valores procurados na escola pela demanda social de educação, e o poder político, refletindo o jogo antagônico de forças conservadoras e modernizadoras, com o predomínio das primeiras, acabam por orientar a expansão do ensino e por controlar a organização do sistema educacional de forma bastante defasada em relação às novas e crescentes necessidades do desenvolvimento econômico, este cada vez mais carente de recursos humanos.

Os vários acontecimentos que colaboraram na constituição da história do campo educativo brasileiro, refletem na configuração educacional atual, como também, nas perspectivas futuras em busca de um ensino democrático e de qualidade. É por essa razão que, destaco alguns acontecimentos que construíram essa história, especialmente, como ocorreram as mudanças mais relevantes para a organização da Educação de Jovens e Adultos, que apresenta-se configurada hoje.

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil está intrinsecamente interligada ao desenvolvimento histórico político-social-econômico da nação, como descreve Friedrich e colaboradores (2010, p. 392) “a EJA estende-se por quase todos os domínios da vida social”. Essa proposta de ensino foi organizada sob a conveniência e disposição dos políticos, como também, por determinação do sistema capitalista, em expansão mundial.

Assim, as reflexões acerca da Educação de Jovens e Adultos podem ser explanadas em três momentos, distintos e cruciais, para a configuração dessa modalidade de ensino, atualmente. O primeiro refere-se aos pensamentos e/ou movimentos que perduravam no período que antecedia a Segunda Guerra Mundial, em que o analfabetismo era notado como uma enfermidade impregnada na sociedade. A Liga de defesa Nacional e a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo foram criadas para erradicar esse “inimigo” eminente.

A revolução de 30 e o processo de industrialização impulsionou a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em 1942, uma ferramenta imprescindível para o processo produtivo (FRIEDRICH ET. AL., 2010). Sob esse panorama

podemos observar que os objetivos da EJA, antes direcionados apenas para os alarmantes índices de analfabetismo, apresentou outra perspectiva: a capacitação para o trabalho e a instrumentalização tecnológica; com o surgimento desse polo nacional de geração e difusão de conhecimento direcionado ao sistema industrial. Nesse período, “a Constituição de 1934 estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação, que explicitava, pela primeira vez, a educação de adultos como dever do Estado” (VIEIRA, 2006, p. 103).

Após a Segunda Guerra Mundial, caracterizou-se outro momento histórico, em que as campanhas sobre a importância da alfabetização, “como estratégia de desenvolvimento socioeconômico e manutenção da paz”, tornaram-se evidentes através do apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 61). Instituiu-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (EDUCAR) (FRIEDRICH ET. AL., 2010). Durante esse período, houve o provimento do Ensino Supletivo (através da Lei nº. 5.692/71) e as propostas de Paulo Freire (para a educação de adultos marginalizados) foram enfatizadas no intuito de construção econômica para o país (DORNELES, 2012).

A concepção “freireana” de conhecimento era estabelecida através da comunicação intersubjetiva entre o sujeito e o objeto, ou seja, da relação dialógica entre educadores e educandos, na qual, o professor precisava estimular, com os educandos, um diálogo comunicante que recria e ressignifica o saber, produzindo novos conhecimentos. Segundo esse teórico, ao partir do pressuposto da vida dos sujeitos, isso iria contribuir muito para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, proporcionando aos oprimidos, à condição de sujeitos da sua libertação.

Por fim, durante o período democrático (aproximadamente nos anos 90), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001) assegurou a implementação (e ampara até hoje a) da modalidade EJA, com apoio na Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Adultos (garantida pela V Conferência Internacional para a Educação de Adultos - CONFINTEA).

Desta forma, reorganiza-se, de maneira mais evidente e sólida, a EJA, com objetivos e propostas claras, que priorizam o indivíduo, a sociedade, a nação e o mundo, em vários aspectos da convivência humana. O Parecer CNE/CEB nº 11/2000 ainda versa sobre as Diretrizes Curriculares, afirmando que a EJA possui inúmeras funções: “reparadora, pela

restauração de um direito negado; equalizadora, de modo a garantir uma redistribuição [...] dos bens sociais; e qualificadora, [...] atualização de conhecimentos por toda a vida” (FRIEDRICH ET. AL., 2010, p. 400).

No entanto, faz-se necessário salientar que, segundo Di Pierro e Haddad (2000) e Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001), a determinação legal que respalda o direito, mais amplo, à educação fundamental, gratuita e universal, para jovens e adultos, advém do Art. 208 da Constituição de 1988, oferecendo a educação para aqueles que não tiveram acesso e/ou progressão na infância e adolescência; já no Art. 205, evidencia-se que *a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*

Nestas recomendações legais, reportamos a educação como algo soberano, imprescindível para a formação cidadã e o exercício social ativo-participativo no âmbito comunitário. Ainda podemos citar a importância do sistema familiar no engajamento e interação com a unidade escolar, como uma das propostas para efetivação de uma educação de qualidade e significativa.

Compreender todo esse processo de constituição da Educação de Jovens e Adultos, mesmo que de forma sucinta, torna-se fundamental para traçar um perfil dos sujeitos nela inseridos e suscitar reflexões a respeito das possibilidades de melhorias e soluções para diversos problemas que ainda assolam essa modalidade, seja no que se refere às questões diretamente relacionadas a parte pedagógica, como também, às que envolvem a infraestrutura, o financiamento, a cooperação entre as três esferas governamentais e a criação de elementos legais que estejam direcionados para esse público tão específico.

2.1 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA MODALIDADE EJA

O primeiro passo para proporcionar uma educação de qualidade, em qualquer etapa de escolarização, é compreender como ocorre a construção do conhecimento pelo aluno, temática esta abordada através de vários teóricos renomados, como por exemplo: Emília Ferreiro, que destacou o processo de alfabetização.

Emília Ferreiro preocupou-se com a aprendizagem da leitura e escrita como processos evolutivos, dinâmicos e contextuais, destacando que a alfabetização não resume-se

em ensinar letras e sílabas. Sob esse panorama, a alfabetização e o letramento exercem a função de instrumentos de inserção social e exercício de cidadania (AROEIRA; BIZZOTTO; PORTO, 2010), o que condiz com os objetivos propostos pela EJA, ao priorizar o desenvolvimento integral do ser humano, auxiliando na capacitação para o mercado de trabalho e na participação ativa perante à sociedade.

Apesar da citação acima referir-se a criança, na minha perspectiva também podemos acompanhar esse mesmo parâmetro para a EJA, principalmente, no que se refere ao primeiro segmento, quando direcionamos para o processo de alfabetização e/ou letramento. Os fatores afetivo, emocional, social, o compromisso e a confiança entre professor e educando são elementos fundamentais para proporcionar uma evolução escolar de forma adequada e significativa. Além disso, sabemos que um bom domínio da leitura e escrita é uma ferramenta imprescindível para que os alunos progridam nos estudos futuros, aperfeiçoando as possibilidades cognitivas e assim, melhorar a compreensão da realidade social.

Ao mesmo tempo que valoriza a alfabetização, Ferreira (1999) revela a sua preocupação com os índices de analfabetismo, que hoje ainda tornam-se um problema grave que começa antes da inserção escolar e atinge indiretamente o desenvolvimento do país. Por isso, todos que são envolvidos no processo de escolarização são co-responsáveis para reverter esse quadro alarmante. Freire (1986, p. 49) nos alerta que “Há casos onde o analfabeto é o homem ou mulher que não necessita ler e escrever, em outros, é a mulher ou o homem a quem foi negado o direito de ler e escrever”, o que muitas vezes, é o que acontece com os jovens e adultos diante do contexto em que vivem, por diversos motivos, é impugnado a escolarização. Assim, para Freire, ninguém é analfabeto por opção, mas devido à consequência de décadas de discriminação social, em que houve a desumanização dos oprimidos, transformando-os em objetos, negando-lhes a condição de sujeitos que lhes é própria.

O compromisso do professor com o ensino e a aprendizagem de seus alunos abrange vários aspectos e vai além de uma metodologia apropriada: implica também, na percepção dos jovens e adultos como seres ativos e histórico-sociais, com características próprias e diferenciadas, o que torna a proposta curricular dinâmica. Esse conceito está de acordo com o Art. 2 da Lei nº. 9.349/96 que menciona “A educação (...) tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” e o Art. 22 que refere-se “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da

cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996).

Quanto ao mercado de trabalho, Ribeiro (2001, p. 42) expõe que:

Com base na experiência ou em pesquisas sobre o tema, sabemos que os motivos que levam os jovens e adultos à escola referem-se predominantemente às suas expectativas de conseguir um emprego melhor. Mas suas motivações não se limitam a este aspecto. Muitos se referem também à vontade mais ampla de "entender melhor as coisas", "se expressar melhor", de "ser gente", de "não depender sempre dos outros". Especialmente as mulheres, referem-se muitas vezes também ao desejo de ajudar os filhos com os deveres escolares ou, simplesmente, de lhes dar um bom exemplo.

O professor precisa entender o processo de construção pessoal do aluno, ele deve colocar-se no lugar de quem aprende para compreender como e porque o aluno pensa; dessa forma, o profissional irá decidir quais parâmetros e atitudes serão centrais e complementares para melhorar o seu trabalho pedagógico em benefício do ser em formação. Essa mediação possibilitará uma intervenção planejada perante os diferentes desempenhos dos alunos, estimulando a elaboração de novas estratégias que facilitem a evolução do estudante para os níveis seguintes. Mas, para apresentar esse olhar aguçado, exige-se que o professor possua domínio e discernimento claro do processo de construção do conhecimento, assim ele será percebido como um profissional dotado de competência técnica e sócio-política. Sob esse pensamento, o ambiente torna-se alfabetizador, oferecendo ao sujeito, diversas oportunidades de experiências: exploração, problematização, descobertas e construção de conceitos e ideias de forma independente, possibilitando concretas condições potenciais de aprendizagem.

No que se refere a EJA, a Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (1999) menciona que o exercício da cidadania e a participação plena na sociedade são objetivos dessa modalidade de ensino; o que contribui, de forma positiva, para o exercício da democracia, do desenvolvimento socioeconômico e técnico-científico, da justiça, do progresso sustentável, etc, estimulando um processo de aprendizagem formal e/ou informal que priorize o desenvolvimento de habilidades consideradas necessárias para a qualificação técnica e profissional na sociedade multicultural.

Sob o olhar para uma abordagem sócio-cultural, diretamente relacionada com as propostas da modalidade da EJA, Santos (2005) descreve que: a) a escola deve ser organizada e estar funcionando bem para proporcionar os meios para que a educação se processe em seus múltiplos aspectos; b) o aluno deve ser percebido como uma pessoa concreta, objetiva, que determina e é determinada pelo social, político, econômico, individual (pela história) e que

deve ser capaz de operar conscientemente mudanças na realidade; c) o professor, é quem direciona e conduz o processo de ensino-aprendizagem; nessa perspectiva a relação entre professor e aluno deve ser horizontal, ambos se posicionando como sujeitos do ato de conhecimento; d) e no que se refere ao ensino-aprendizagem: os objetivos educacionais são definidos a partir das necessidades concretas do contexto histórico-social no qual se encontram os sujeitos; busca-se uma consciência crítica; o diálogo e os grupos de discussão são fundamentais para o aprendizado; os “temas geradores” para o ensino devem ser extraídos da prática de vida dos educandos.

Conforme a autor acima citado, essa abordagem tem origem no trabalho de Paulo Freire e no movimento de Cultura Popular, com ênfase, principalmente, na alfabetização de adultos. O ponto de partida aqui é sempre o conteúdo advindo daquilo que é cultural, isto é, o que as pessoas construíram e assimilaram enquanto sujeitos de sua própria experiência, o universo real de conhecimentos do educando, não se fornecendo coisas prontas e extraídas do ambiente externo. Freire e Macedo (1990 apud SILVA; RUFFINO, 1999) afirmam que todo educador crítico é também educando e que os professores devem aprender com seus alunos através do diálogo; que tanto alunos quanto professores precisam assumir o papel de sujeitos cognoscentes, isto é, sujeitos que conhecem.

Mas afinal, qual o conceito apropriado deve estar relacionado ao aprender? Beauclair (2008, p. 35-36) relata que:

Aprender é saber desenvolver nossos potenciais para a mudança, visando alcançarmos maior flexibilidade para a apreensão das diferentes situações formais e informais presentes em nosso cotidiano: quando aprendemos, melhoramos nossas possibilidades de adquirir novos conceitos e ampliar antigos, generalizando-os. Aprender é saber promover transferências de aprendizagens anteriores para situações novas, expandindo nossos sentimentos de competência.

Aprender, nada mais é do que o desenvolvimento do cérebro, da cognição. “Portanto, para aprender, o aluno da EJA precisa estar de posse das estruturas adequadas, que lhe permitam construir, por si próprio, sua aprendizagem e se apropriar de novos conhecimentos” (ORTIZ, 2002, p. 2).

A aprendizagem remete-nos a produzir melhores resultados nas experiências cotidianas, possibilitando o aperfeiçoamento das formas de organizar e utilizar o saber em determinadas situações e/ou contextos, extremamente necessários à sociedade da informação e do conhecimento.

A prática transformadora procura desmitificar e questionar a cultura dominante, criando condições para o aluno analisar o contexto de acordo com seus valores. Existe preocupação com cada aluno em si e com o processo; os alunos, participando desse processo com o professor, tornam-se sujeitos elaboradores e criadores do conhecimento. Os indivíduos são considerados seres concretos, situados no tempo e no espaço, inseridos em contexto histórico, no qual a educação deve promover o indivíduo, e não ajustá-lo à sociedade em que vive. É importante o que o aluno traz para o processo de aprendizagem: conhecimentos, capacidades e destreza prévias; percepção da escola, do professor e de suas atuações; expectativas e atitudes diante do ensino, escola e professor; motivações, interesses, crenças e atribuições.

A educação é vista como um ato político, que deve provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a sociedade e sua cultura. Portanto, a educação deve levar o indivíduo a uma consciência crítica de sua realidade, transformando-a e melhorando-a. Dessa forma, o aspecto formal da educação faz parte de um processo sócio-cultural, que não pode ser visto isoladamente, nem tão pouco, priorizado (SANTOS, 2005).

Bordenave (1984, p. 41-44 apud SANTOS 2005) denomina essa abordagem de “pedagogia da problematização” ou “educação libertadora”; “a situação preferida é quando o aluno enfrenta, em situação de grupo, problemas concretos de sua própria realidade; o aluno desenvolve sua consciência crítica e seu sentido de responsabilidade democrática baseada na participação”. Para Libâneo (1982, p. 12-15 apud SANTOS 2005) essa abordagem denomina-se “pedagogia progressista”: que favorece o processo de aprendizagem grupal; “professores e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, afim de que atuem na realidade, num sentido de transformação social”.

Não podemos desligar a aprendizagem do aluno do contexto social e interpessoal no qual, inevitavelmente, é produzida. O aluno constrói seu conhecimento a partir de conteúdos escolares culturalmente determinados [...] (COLL; SOLÉ, 1996, p. 281, apud SILVA; RUFFINO, 1999).

Diante disso Brasil (2006, p. 35) descreve que “Na educação de jovens e adultos, os conteúdos devem permitir aos alunos o exercício pleno da cidadania, o saber indispensável às suas ações que vão desde desempenhar uma profissão até participar de sua comunidade”. Desta forma, caracterizamos a abordagem sócio-cultural voltada para a vocação ontológica do homem enquanto ser e das condições em que vive, o contexto. Paulo Freire defende que

É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos, adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo e estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história... (FREIRE, 1974, p. 42 apud MURARI, 2008).

Nesse sentido a educação deverá promover o próprio indivíduo e não o ajuste deste à sociedade. A educação deverá ser problematizadora ou conscientizadora para que o indivíduo possa desenvolver a consciência crítica e a liberdade para superar os desafios (MIZUKAMI, 2006). O professor deve criar condições para que os alunos superem o conhecimento ingênuo, do senso comum, refletindo sobre os problemas e percebendo as contradições da sociedade em que vivem.

Além disso, o diálogo deve estar sempre presente na relação professor-aluno; ensinantes e aprendentes devem estabelecer uma dialética relacional baseada no diálogo, ambos compartilhando elementos que estejam vinculados ao desejo de aprender. Ainda segundo Freire (1975, p. 63 apud MURARI, 2008), “(...) ninguém educa ninguém, ninguém se educa; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Diante disso, toda essa abordagem sócio-cultural, que possui como teórico maior, Paulo Freire, está interligada diretamente à Educação de Jovens e Adultos, ao priorizar a democratização do saber, através da escolarização básica com igualdade de condições e o desenvolvimento das capacidades intelectuais para uma formação cidadã e o pleno exercício da cidadania, como possibilidades de ampliação da participação efetiva do povo nas várias instâncias de decisão social, política e econômica.

Porém, para que isso ocorra é necessário haver mudanças significativas e eficazes no trabalho pedagógico em vários aspectos, como: no planejamento de ensino, na formulação de objetivos, na seleção de conteúdos, no aprimoramento de métodos de ensino, no processo de avaliação, na organização escolar, etc. Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (1997, p. 89) revela que “Mudar é difícil mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, [...]”.

Sob esse patamar, é importante mencionar a questão salarial dos educadores, elemento que também possui grande influência na prática pedagógica. Feil (1995) revela que o descontentamento salarial é nítido e pode gerar sentimentos negativos que apresentam

consequências na atuação profissional e na qualidade do ensino, como: a frustração e a não aceitação a mudanças.

Nesse sentido, a motivação do professor relaciona-se diretamente com o processo de ensino-aprendizagem bem sucedido. Segundo Fita (1999, p. 77) “a motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo”.

Quanto ao processo de avaliação, se pensarmos que “avaliar é, sobretudo, diagnosticar as mudanças e as aprendizagens que precisam ser feitas” (AROEIRA; BIZZOTTO; PORTO, 2010, p. 132), estamos proporcionando um novo olhar para o trabalho educativo, especialmente, no que se refere à prática pedagógica do professor, que irá acompanhar e refletir, criticamente, sobre a proposta metodológica e o desempenho do aluno, seja de forma individual ou coletiva, através de constantes observações, análises, comparações, registros, etc; assim, determina-se que a educação ocorre através da mediação do professor. Sob essa perspectiva, valoriza-se também o ato de construir (o processo em si), o erro (como algo construtivo e em constante superação) e o aspecto socioafetivo (como elemento que interfere positiva ou negativamente no aprender).

Para Santos e Santos (2006) os conteúdos, objetivos, avaliação entre outros, são alguns aspectos com os quais o professor deve estar atento ao planejar suas aulas. É na sala de aula que as ações planejadas são colocadas em prática, e, juntamente com os métodos utilizados, podem caracterizar a sua atuação enquanto docente.

Ou seja, o processo de avaliação da dinâmica escolar (não apenas do estudante) é também um instrumento imprescindível de auto-avaliação pedagógica, de objetivos didáticos traçados, no estabelecimento de critérios, em tomadas de decisões, etc, visando todo o ajuste necessário para proporcionar o melhor (em termos de formação cidadã) para a comunidade em que a unidade de ensino esteja inserida, fortalecendo assim, a rede existente entre escola-família-sociedade.

O ensinante deve se qualificar de forma contínua para consolidar o comprometimento efetivo com a prática pedagógica, elaborando estratégias encorajadoras que sejam adequadas ao cotidiano do sujeito aprendente, para que este aceite, reconheça e monitore as contínuas modificações internamente, ocasionando o sucesso na aprendizagem. Para Gadotti (2001, p. 98) faz-se necessário que o educador de jovens e adultos “esteja envolvido com toda a complexidade que abarca a compreensão dos processos de construção do conhecimento e a análise da trajetória da Educação Popular”, ou seja, o professor da EJA

deve buscar junto aos alunos e alunas, o conhecimento popular em que estejam engajados, para que, pesquisando as raízes do seu dia a dia, o leve a planejar as suas ações de uma forma mais coerente com aqueles educandos que estão inseridos na escola. No que se refere ao planejamento em si, Luckesi (1992, p. 121) menciona que este “é um conjunto de ações coordenadas visando atingir os resultados previstos de forma mais eficiente e econômica”. Para Vasconcellos (2000), o planejamento deve ser compreendido como um instrumento capaz de intervir em uma situação real para transformá-la.

Além disso, precisamos lembrar que esses estudantes são pessoas marcadas pela exclusão social, mas que tem cultura própria. Assim, é importante percebermos que a aprendizagem não ocorre da mesma forma em todas as idades, pois a construção de conhecimentos envolve a organização do pensamento já existente (ORTIZ, 2002), por isso, devemos considerar toda a bagagem de vivências que o alunado dessa modalidade traz consigo para poder oferecer o melhor no contexto escolar.

Porém, nem sempre o educador é formado para perceber tal processo avaliativo dessa maneira, muitos priorizam o aspecto quantitativo em detrimento do qualitativo devido ao próprio sistema de ensino, através dos governantes, que exercem uma forte influência, ao valorizar apenas a obtenção dos resultados (rendimentos), estereotipando o perfil da escola, sem considerar o processo. Com relação a modalidade da EJA, a situação não é diferente:

Os professores que trabalham na educação de Jovens e Adultos, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou recrutados no próprio corpo docente do ensino regular. Note-se que na área específica de formação de professores, tanto em nível médio quanto em nível superior, não se tem encontrado preocupação com o campo específico da EJA; devem-se também considerar as precárias condições de profissionalização e de remuneração destes docentes (DI PIERRO; HADDAD, 1994, p. 15).

Se no início, ou seja, na formação profissional, instiga-se e discute-se pouco sobre a temática da EJA, sem aprofundar-se o necessário para estimular nos alunos universitários a procurarem esse caminho, também os poucos cursos de aperfeiçoamento despertam o interesse por esse campo diversificado e distinto das outras etapas da escolarização; principalmente, no que se refere à faixa etária, às expectativas, aos objetivos e desejos da demanda que procura a escola para “aprender”. Essa despreparação ou desinteresse profissional também pode implicar em consequências gravíssimas para a estruturação educativa, como por exemplo, o fracasso e a evasão escolar. Complementando o exposto, Vichessi (2009) relata que um dos motivos para a ocorrência da evasão escolar nas turmas da

Educação de Jovens e Adultos é o trato infantilizado e, por conseguinte, o material didático utilizado (em que observa-se o aspecto infantil) e a maneira de abordagem do conteúdo; por isso, a EJA necessita de um olhar diferenciado para um atendimento específico, com um currículo próprio que valorize o ser que busca estudar, de forma integral.

Libâneo (1994) relata que, para enfrentar o fracasso escolar, é necessário analisar a organização pedagógica, administrativa e didática frente às características (econômicas, sócio-culturais, psicológicas, etc) da clientela que frequenta a unidade, só assim, constitui-se uma escola pública democrática, com objetivos e programas concretos que favorecem o aparecimento de possibilidades positivas para atingir o nível ideal de escolarização para todos, ou seja, uma qualidade de ensino mais próxima da que se almeja.

Discutir qualidade da educação, especialmente, no que se refere a EJA, abrange alguns pontos como: clareza nas estratégias didático-pedagógicas, aceitar a dinâmica diferenciada desta modalidade de ensino (devido a trajetória de vida dos sujeitos) e, por fim, possuir condições adequadas que priorizem o financiamento efetivo e eficaz, o que implica em uma organização gestora e de recursos humanos coerentes com as necessidades e desafios impostos pela demanda que frequenta a escola (BRASIL, 2008).

A Revista Gestão Escolar (GENTILE; MOÇO; SANTOMAURO, 2011) sugere algumas estratégias que favorecem a frequência escolar dos alunos na EJA, combatendo a evasão: incentivar o uso de variadas linguagens relacionada a arte e a cultura, durante o processo educativo (música, cordel, teatro, etc); reorganizar o tempo escolar (construir um cronograma de aulas de acordo com as necessidades dos alunos); elaborar um currículo contextualizado (relacionar as disciplinas com o cotidiano dos estudantes); propiciar a articulação com empresas (promover parcerias com os setores públicos e privados para incentivar e facilitar o acesso das pessoas à unidade de ensino); desenvolver o atendimento individual e aos filhos dos alunos (possibilitar um plano de estudos individualizado, caso seja necessário e apresentar uma infraestrutura adequada para acolher as crianças); e, por fim, a merenda (ofertar uma refeição adequada e de qualidade aos estudantes). Sob esse pensamento, David Ausubel, ao elaborar a teoria da aprendizagem significativa, enfatiza que o ensinante para ensinar deve basear-se naquilo que o aprendente já conhece da sua vida real, tornando o processo mais prazeroso, motivador e contextualizado.

Segundo Dimenstein (1999) ensinar abrange uma perspectiva mais profunda, desenvolvida pela formação triangular entre orientação-estimulação-relação; mas para que esse processo seja benéfico, o educador precisa atualizar-se constantemente, estar aberto as

discussões e informações advindas dos discentes, e ser capaz de perceber a aprendizagem de coisas novas a partir da interação.

Verifica-se que propiciar uma educação de qualidade e interligada com a realidade, abrange vários contextos e elementos, que envolvem a organização administrativa e pedagógica da unidade educacional, que por sua vez, deve priorizar: os anseios da demanda e, ao mesmo tempo, seguir a subordinação de uma sequência de atividades pontuais e planejadas, impostas pelo sistema de ensino. Por isso, o planejamento constante, durante todo o ano letivo, faz a diferença para o alcance de metas estipuladas no início do processo, fazendo com que haja tempo hábil para aproveitar as oportunidades imprevistas de modo positivo. Esse pensamento pode proporcionar muitas aprendizagens, seja de cunho pessoal ou profissional, que possibilitam melhorar as circunstâncias da inserção social e profissional dos aprendizes e, especialmente, estimular a confiança deles mesmos, na capacidade de aprender sempre mais.

Diante do exposto teórico acima, durante as minhas observações nas salas de aula do segundo segmento (da 5ª a 8ª séries), na disciplina de Português, pude verificar que o professor ministra uma aula diferenciada, não apenas expositiva, mas com a turma em círculo, em que todos se igualam, tornando-se mais fácil a comunicação, troca de experiências já vivenciadas, interagindo uns com os outros; os jovens e adultos gostavam desta metodologia e respeitavam muito o educador. Na disciplina de Matemática, o professor utilizava nas atividades pedagógicas materiais lúdicos, como dados, xadrez, dominó, dama, onde os alunos se agrupam para essas atividades com bastante interesse; nas aulas teóricas, esse professor faz a explanação do assunto realizando atividades escritas e chamadas ao quadro de giz, em que, muitos estudantes se negam, devido a timidez.

Nas disciplinas de Geografia e História, os educadores sentem um pouco de dificuldade em manter os alunos em sala, talvez devido a metodologia não ser dinâmica e prazerosa (percebo que estes profissionais apresentam-se ansiosos). No que diz respeito às disciplinas de Artes, Ciências e Inglês, os educadores ministram suas aulas expositivas, com pesquisas em livros existentes na biblioteca, trabalhos manuais e no computador; os alunos interagem muito bem com essa didática.

3. A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EJA NA E.E.E.F. PADRE MIGUELINHO

3.1 ATIVIDADES OBSERVADAS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) fundamenta-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9394/96 (Arts. 37 e 38) de 20/12 de 1996, que consagra a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade específica da Educação Básica, regulamentada pela Resolução 229/2002 e no Parecer nº. 247/2002 do Conselho Estadual de Educação (CEE/PB). Este trabalho é para descrever os perfis dos educadores envolvidos nessa rotina escolar, suas ansiedades, dificuldades, incentivos e parcerias com o Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Durante a observação em uma sala de aula da EJA (do primeiro segmento), constatei a importância da experiência e versatilidade da professora, a qual utilizava nas suas aulas não só os livros didáticos, como também, rótulos de produtos e músicas (por exemplo: Aquarela) nas aulas de português, com o auxílio do aparelho de som. Essa mesma educadora para trabalhar matemática e ciências, utilizava vídeos sobre alimentação saudável, material dourado, etc; quanto às aulas de geografia e história, ela trabalhava com mapas políticos e regiões do Brasil, história da Paraíba (com cartazes e reportagens de revistas, etc), etc. Os alunos interagiam bem com essa metodologia, que era muito diversificada, tornando uma aula dinâmica e prazerosa.

O período em que permaneci na referida escola pude observar e participar (d)a realização de várias atividades correspondentes aos quatro primeiros meses do ano letivo de 2014 (fevereiro à maio) na modalidade EJA. Dentre as principais atividades realizadas destacam-se:

a) As cívicas e sociais: aniversário dos alunos (Foto 1); comemoração: da Páscoa e dia das mães (Fotos 2 e 3, respectivamente); peças teatrais; a Copa do Mundo no Brasil; etc.

b) As pedagógicas: palestras: sobre gravidez e *bullying*; e reunião com pais e professores dos(as) alunos(as) da EJA (Foto 4).



Foto 1 - Aniversariantes do mês de Março de 2014 (Alunos(as): Maria da Consuelo Rodrigues, José Firmino da Silva, Severina da Silva Souza e Rafaela Fernandes Carvalho), na sala do 1^o segmento (1^a e 2^a séries). Organização: Professora Valmira Nunes Coelho.



Foto 2 – Comemoração da Festa da Páscoa – 2014. Momento da refeição (jantar) com a participação dos(as) funcionários(as) e familiares dos(as) alunos(as).



Foto 3 – Comemoração da Festa do Dia das Mães – 2014. Professora do 1^o segmento (3^a e 4^a séries) entrega a lembrança a sua aluna-mãe.



Foto 4 – Reunião de pais e professores, em Abril de 2014. Discussões sobre comportamento e desempenho dos(as) alunos(as) dos 1^o (da 1^a à 4^a séries) e 2^o (da 5^a à 8^a séries) segmentos da EJA.

Ainda com relação a essas comemorações, pude notar que estas são constituídas de momentos especiais, em que a comunidade tem a oportunidade de interagir, mais de perto, com os(as) educadores(as), gestores(as), funcionários(as) e outros alunos(as) da E.E.E.F. Padre Miguelinho. Nesse período, também observei que os alunos do 1^o segmento (1^a a 4^a séries) tem mais interesse nas aulas, apresentando frequência regular, enquanto que, os estudantes do 2^o segmento (de 5^a a 8^a séries) faltam muito, tornando a evasão maior e mais evidente, inclusive após receber a carteira de estudante; este é um fato real em quase todas as escolas, principalmente, à noite.

Várias vezes percebi que o professor da EJA, de modo geral, não tem estímulo para ministrar as aulas, formação profissional precária (para lidar com essa faixa etária - de 15 a 65 anos de idade - tão variada). Quanto à equipe pedagógica, notei que, esta não possui nenhum técnico (supervisor/outros) que ofereça o suporte necessário ao(à) professor(a), que busca alguma orientação para o seu dia-a-dia, no intuito de melhorar sua prática.

Antes de analisar o questionário aplicado a 9 professores(as) da EJA, na E.E.E.F. Padre Miguelinho, gostaria de expor um relato de história de vida real de Marinalva Rocha Lopes, professora de História na modalidade EJA, na E.E.E.F. Padre Miguelinho e na cidade de Bayeux.

“Certo dia estava na parada de ônibus quando ouvi na rádio comunitária um anúncio convidando jovens e adultos para se matricularem na E.M.E.F. Corálio Soares de Oliveira, conhecida como SESI. Era telecurso e eu, Marinalva fiquei pensando se voltaria a estudar depois de 30 anos que eu tinha parado de estudar, então, conversei com meu esposo e

ele disse: será que vale apena, você com quarenta e dois anos começar a estudar de novo? Foi aí que pensei: essa é a minha última oportunidade que tenho de melhorar minha pronúncia, já que eu tinha muita vergonha de falar perto dos amigos dos meus filhos (Eu sou do tempo de admissão, que hoje é o 5^o ano).

Eu guardei o diploma do Primário e à noite fui ao SESI, fiz a minha matrícula e com três dias depois, iniciou-se as aulas. Eu era a mais velha da turma, mas era a melhor em Matemática (só tirava dez). Através dos estudos voltei a sonhar coisa que eu já não tinha. Não posso deixar de falar dos meus filhos, são três: um formado em Direito, uma em História e outra em Biologia. Eu, Marinalva, fui sacoleira, feirante, camelô, e toda a vida tive orgulho do que fiz. Terminei o ensino fundamental com um ano e seis meses, passou-se dois meses e iniciei o ensino médio. Mais um ano e seis meses terminei. Foi aí que pensei: paro ou tento fazer vestibular? Então me escrevi escondido, com medo de não passar, me escrevi para Licenciatura em História e, quando saiu o resultado, meu nome estava na lista para o segundo período.

Logo em seguida fui trabalhar no pró-jovem como recenseadora e fiquei trabalhando no campo, fazendo pré-matrícula no ano de 2006. Logo em seguida fui contratada para trabalhar na Estação da Luz, como apoio pedagógico, deixei a Universidade Federal da Paraíba, fiz novo vestibular na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) para o curso de Licenciatura em História. Terminei minha universidade na UVA no ano de 2009; muita gente tem preconceito com a UVA mas, eu digo com todas as letras: não existe faculdade nem colégio ruim, o que falta é pessoas que realmente queriam realizar seus sonhos, como eu realizei os meus. Sou muito grata a EJA ou ao Telecurso, que foi importante para mim, sem o ensino acelerado hoje eu não estaria realizando meus sonhos e contribuindo com meus queridos alunos, que um dia te faltou oportunidade de estudar, por algum motivo”.

O depoimento dessa funcionária e professora atualmente da referida escola, retrata, sob o meu ponto de vista, uma realidade muito frequente nos alunos que estão na EJA, quando direcionamos o olhar para as perspectivas e expectativas dos jovens e adultos, podemos verificar seus anseios por um futuro promissor e (mais) digno, diferente do contexto em que vivem.

A aluna, com 42 anos de idade, que se tornou professora e exerce sua prática pedagógica voltada para o ambiente que a capacitou para alcançar o objetivo do vestibular e assim, uma formação acadêmica, é um belo e importantíssimo exemplo de superação em todos os sentidos, pois ultrapassou várias barreiras, inclusive a vergonha e o preconceito. O

sucesso e a vitória alcançados por ela são recompensados pelo amor, carinho e respeito dos alunos da EJA e da equipe pedagógica. Sua desenvoltura na sala de aula é motivante e os estudantes não hesitam em fazer questionamentos e/ou participar de debates e discussões promovidos pela mesma; o diálogo e a metodologia dinâmica fazem parte do seu dia-a-dia.

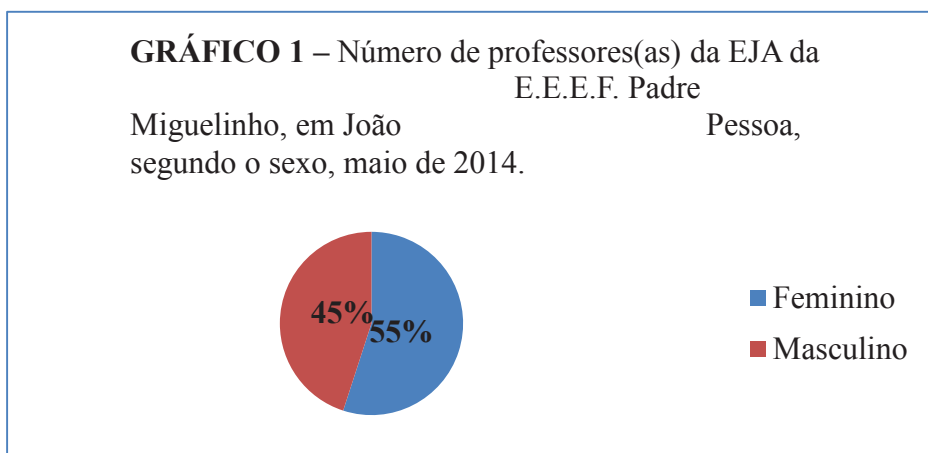
Esta professora é um diferencial, como já foi aluna dessa modalidade, sabe, sente e vê todos aqueles conflitos, desejos, metas, etc, que um dia a contagiava. A gestão escolar apresenta-se satisfeita com sua atuação profissional, elogiando-a e parabenizando-a pelo bom desempenho obtido na prática pedagógica. Esse depoimento interage com o Poema de Mário Quintana (O tempo), exposto logo na epígrafe. Essa obra literária retrata os dizeres dessa professora, como também, está diretamente relacionado à realidade dos alunos que frequentam a EJA, principalmente, pela oportunidade (que foi perdida ou deixada de lado) de seguir as etapas de escolarização adequadamente.

3.2 RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

As variáveis pesquisadas, que serão discutidas abaixo, são as seguintes: sexo, idade, estado civil, escolaridade, formação acadêmica, situação profissional, realização de planejamento semanal para administrar as aulas, satisfação com a remuneração que recebe, realização de curso de aperfeiçoamento para melhorar a prática pedagógica, busca de meios alternativos e/ou outros recursos materiais para diversificar sua prática pedagógica, motivação para lecionar na EJA, justificativa da motivação para lecionar na EJA, como é estabelecido a avaliação do desempenho dos alunos e a sugestão para modificar a realidade da prática pedagógica, com relação a evasão escolar.

Todas as variáveis serão expostas em Tabelas e Gráficos de 1 a 7, uma vez que, são elementos sócio-demográfico e profissional; o quesito 10 do questionário foi subdividido em duas tabelas: 5 e 5.1. Aos questionamentos com perguntas abertas, os dados subjetivos (obtidos através dos participantes) foram analisados e agrupados de acordo com a constância/frequência das respostas. Nas questões subjetivas optou-se pela técnica de análise de conteúdo categorial temática, defendida por Deusdará e Rocha (2005) e Grzybovski e Mozzato (2011), ambos citando em seu escopo teórico, Laurence Bardin, literatura de referência, atualmente, nesse tipo de análise, possibilitando a percepção dos conhecimentos derivados dos relatos dos sujeitos, apresentando como finalidade, a compreensão do conteúdo

evidente e/ou subentendido e das significações expressas e/ou implícitas. Após a análise dos dados, foi realizada a discussão dos resultados da pesquisa.



FONTE: Pesquisa direta.

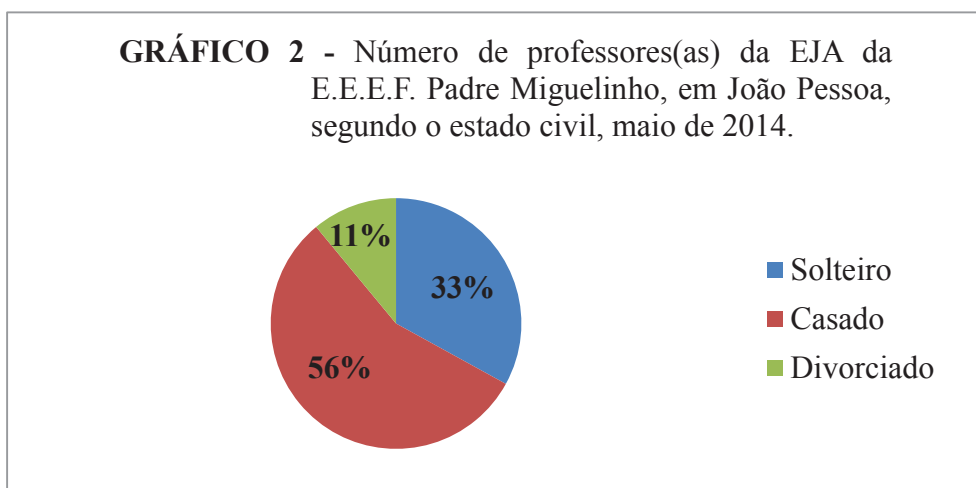
No Gráfico 1, observa-se que 55% dos indivíduos pesquisados são do sexo feminino.

TABELA 1 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a idade, maio de 2014.

RESPOSTA	<i>n</i>	%
20-30	3	33%
31-40	4	45%
41-50	2	22%
TOTAL	9	100,0%

FONTE: Pesquisa direta.

De acordo com a Tabela 1, verifica-se que 45% dos sujeitos entrevistados possuem idade entre 31 e 40 anos.



FONTE: Pesquisa direta.

O Gráfico 2 revela que 56% dos pesquisados são casados.

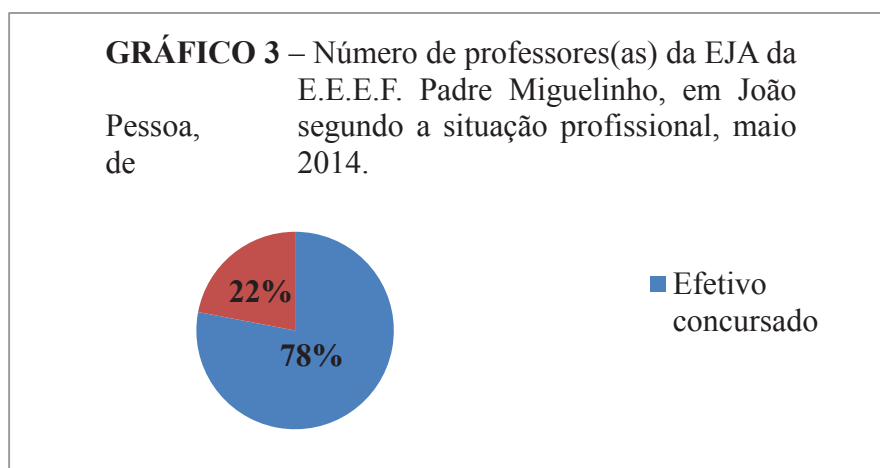
TABELA 2 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a escolaridade, maio de 2014.

RESPOSTA	<i>n</i>	%
Ensino Superior Completo (Bacharelado)	2	20%
Ensino Superior Completo (Licenciatura)	8	80%
TOTAL	10*	100,0%

FONTE: Pesquisa direta.

* Uma pessoa entrevistada marcou possuir Bacharelado e Licenciatura.

Segundo a Tabela 2, verificou-se que 80% das pessoas questionadas apresentam Ensino Superior Completo (Licenciatura).



FONTE: Pesquisa direta.

Diante do Gráfico 3, constata-se que 78% das pessoas entrevistadas responderam ser efetivo concursado.

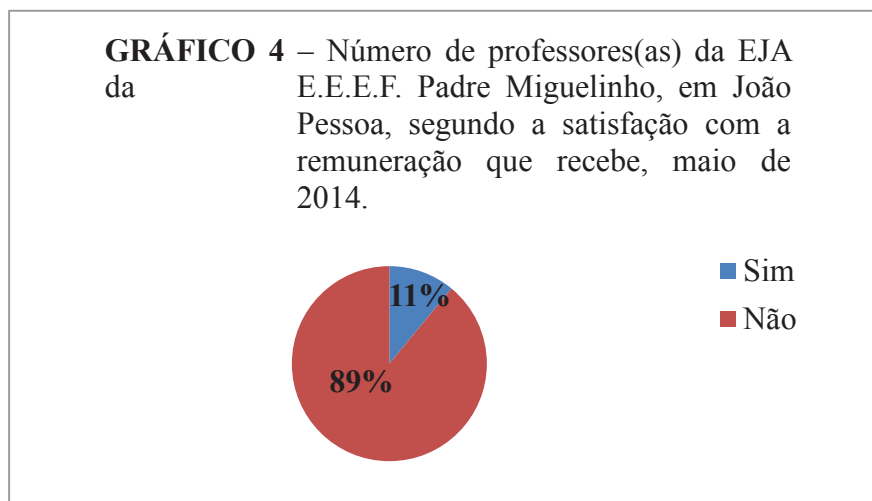
TABELA 3 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a realização de planejamento semanal para administrar as aulas, maio de 2014.

RESPOSTA	<i>n</i>	%
Sim	8	89%
Não	1	11%
TOTAL	9	100,0%

FONTE: Pesquisa direta.

Na Tabela 3, observa-se que 89% dos indivíduos pesquisados responderam realizar planejamento semanal para administrar as aulas.

Segundo Luckesi (1992, p. 121) o planejamento “é um conjunto de ações coordenadas visando atingir os resultados previstos de forma mais eficiente e econômica”. Para Vasconcellos (2000), o planejamento deve ser compreendido como um instrumento capaz de intervir em uma situação real para transformá-la.



FONTE: Pesquisa direta.

No Gráfico 4, observa-se que 89% dos indivíduos pesquisados responderam não estar satisfeito com a remuneração que recebe.

Para Feil (1995) o descontentamento salarial é nítido e pode gerar sentimentos negativos que apresentam consequências na atuação profissional e na qualidade do ensino, como: a frustração e a não aceitação a mudanças.

TABELA 4 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a realização de curso de aperfeiçoamento para melhorar a prática pedagógica, maio de 2014.

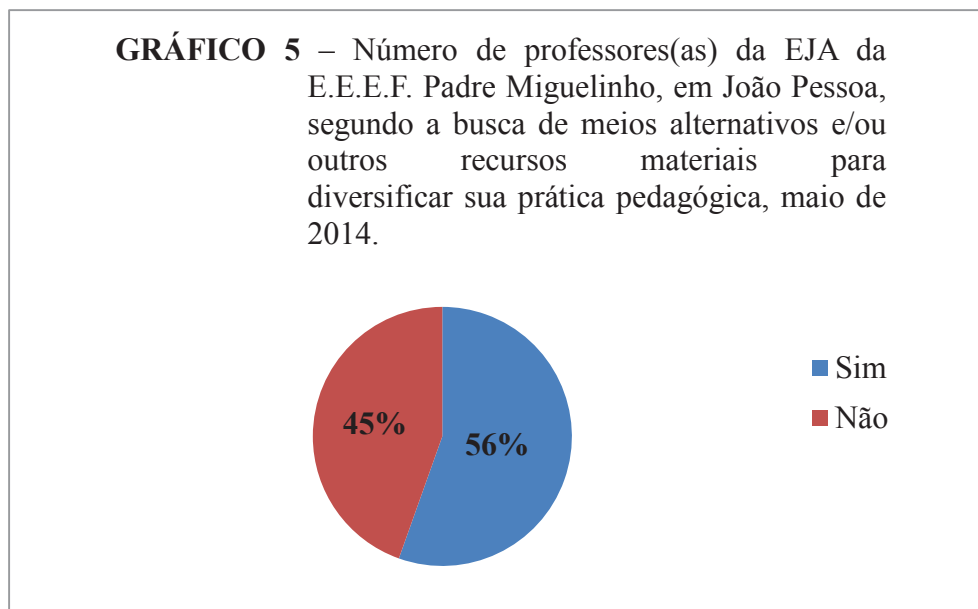
RESPOSTA	<i>n</i>	%
Sim	6	67%
Não	3	33%
TOTAL	9	100,0%

FONTE: Pesquisa direta.

De acordo com a Tabela 4, observa-se que 67% dos sujeitos entrevistados responderam fazer curso de aperfeiçoamento para melhorar a prática pedagógica.

Segundo Dimenstein (1999) ensinar abrange uma perspectiva mais profunda, desenvolvida pela formação triangular entre orientação-estimulação-relação; mas para que

esse processo seja benéfico, o educador precisa atualizar-se constantemente, estar aberto as discussões e informações advindas dos discentes, e ser capaz de perceber a aprendizagem de coisas novas a partir da interação.



FONTE: Pesquisa direta.

O Gráfico 5 revela que 56% dos pesquisados mencionaram que buscam meios alternativos e/ou outros recursos materiais para diversificar sua prática pedagógica.

Para tanto, é fundamental que os professores e professoras dos sistemas públicos de ensino saibam trabalhar com esses alunos, utilizando metodologias e práticas pedagógicas capazes de respeitar e valorizar suas especificidades. Esse olhar voltado para o aluno como o sujeito de sua própria aprendizagem, que traz para a escola um conhecimento vasto e diferenciado, contribui, efetivamente, para sua permanência na escola e uma aprendizagem com qualidade (BRASIL, 2006).

TABELA 5 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a motivação para lecionar na EJA, maio de 2014.

RESPOSTA	<i>n</i>	%
Sim	7	78%
Não	2*	22%
TOTAL	9	100,0%

FONTE: Pesquisa direta.

* Os 2 indivíduos que responderam não possuir motivação para lecionar na EJA justificam sua opinião ao relatarem que: são poucos os recursos e os investimentos para educadores e educandos na EJA.

Segundo a Tabela 5, verificou-se que 78% das pessoas questionadas relataram apresentar motivação para lecionar na EJA.

A motivação do professor relaciona-se diretamente com o processo de ensino-aprendizagem bem sucedido. Segundo Fita (1999, p. 77) “a motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo”.

TABELA 5.1 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a justificativa da motivação para lecionar na EJA, maio de 2014.

RESPOSTA	<i>n</i>	%
Resgate da cidadania dos alunos da EJA	1	14%
Promover o aumentar do nível de escolaridade dos alunos da EJA	2	29%
Possibilitar o ingresso dos alunos no mercado de trabalho	1	14%
Faixa etária preferida	3	43%
TOTAL	7*	100,0%

FONTE: Pesquisa direta.

* O número 7 refere-se as pessoas que responderam possuir motivação para lecionar da EJA.

Diante da Tabela 5.1, constata-se que 43% das pessoas entrevistadas responderam que sentem-se motivadas para lecionar na EJA pois, esta é a faixa etária preferida delas.

Quanto ao mercado de trabalho (o que corresponde a 14% dos entrevistados), Ribeiro (2001, p. 42) expõe que:

Com base na experiência ou em pesquisas sobre o tema, sabemos que os motivos que levam os jovens e adultos à escola referem-se predominantemente às suas expectativas de conseguir um emprego melhor. Mas suas motivações não se limitam a este aspecto. Muitos se referem também à vontade mais ampla de "entender melhor as coisas", "se expressar melhor", de "ser gente", de "não depender sempre dos outros". Especialmente as mulheres, referem-se muitas vezes também ao desejo de ajudar os filhos com os deveres escolares ou, simplesmente, de lhes dar um bom exemplo.

TABELA 6 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo como é estabelecido a avaliação do desempenho dos alunos, maio de 2014.

RESPOSTA	<i>n</i>	%
Por meio de trabalhos, frequência e testes	5	56%
Através das capacidades de leitura e escrita dos alunos	2	22%
Diariamente, através das atividades em sala de aula	2	22%
TOTAL	9	100,0%

FONTE: Pesquisa direta.

Na Tabela 6, observa-se que 56% dos indivíduos pesquisados responderam avaliar o desempenho dos alunos por meio de trabalhos, frequência e testes.

Para Santos e Santos (2006) a avaliação, os conteúdos, objetivos, entre outros, são alguns aspectos com os quais o professor deve estar atento ao planejar suas aulas. Devido a sala de aula ser o ambiente onde este profissional coloca em prática as ações que planejou, os métodos utilizados por ele tornam-se, portanto, mais visíveis, podendo caracterizar a sua atuação enquanto docente.

TABELA 7 – Número de professores(as) da EJA da E.E.E.F. Padre Miguelinho, em João Pessoa, segundo a sugestão para modificar a realidade da prática pedagógica, com relação a evasão escolar, maio de 2014.

RESPOSTA	<i>n</i>	%
Inserir o ensino profissionalizante, esportes, temáticas sobre a diversidade cultural, etc	1	11%
Melhorar o investimento financeiro e a reestruturação do sistema educacional de ensino.	5	56%
Promover aulas mais dinâmicas com: vídeos, computador, sorteios, outros recursos (jornais, revistas, etc), etc.	2	22%
Não respondeu	1	11%
TOTAL	9	100,0%

FONTE: Pesquisa direta.

De acordo com a Tabela 7, observa-se que 56% dos sujeitos entrevistados sugeriram que, para modificar a realidade da prática pedagógica, com relação a evasão escolar, seria necessário melhorar o investimento financeiro e a reestruturação do sistema educacional de ensino.

Discutir qualidade da educação, especialmente, no que se refere a EJA, abrange alguns pontos como: clareza nas estratégias didático-pedagógicas, aceitar a dinâmica diferenciada desta modalidade de ensino (devido a trajetória de vida dos sujeitos) e, por fim, possuir condições adequadas que priorizem o financiamento efetivo e eficaz, o que implica em uma organização gestora e de recursos humanos coerentes com as necessidades e os desafios impostos pela demanda que frequenta a escola (BRASIL, 2008).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, foi de fundamental importância para a construção desta monografia. Os módulos promoveram uma interação significativa a respeito da Educação de Jovens e Adultos (EJA), como por exemplo: a prática educativa diferenciada a essa faixa etária de escolarização requer a elaboração de metodologias dinâmicas e diversificadas com a inserção das tecnologias da informação e comunicação no planejamento escolar; o processo comunicativo e a linguagem também são diferenciadas, fazendo com que o educador estreite relações com o aluno ao pensar em estratégias que envolvam conteúdos e programas diretamente relacionados com a realidade do educando; as relações sociais estabelecidas durante esse processo educativo e a perspectiva de formação cidadã e/ou resgate da cidadania também são (ou deveriam ser) metas prioritárias e escopo de reflexão dos professores, especialmente os da EJA; este último tópico descrito, interage intrinsecamente com os participantes do documento monográfico elaborado, uma vez que, a capacitação (escolar) para conseguir um emprego e a inserção e aquisição do respeito da sociedade como trabalhador, também são aspectos proporcionados pela EJA.

A importância da EJA para o aluno advém da elaboração de perspectivas futuristas diversificadas, indo além da aprendizagem da leitura, escrita e cálculo (que é o habitual das outras etapas de escolarização), como por exemplo: a busca por um emprego digno, fazer cursos de capacitação profissional, passar em algum concurso, e obter melhor qualidade de vida, ao se tornar independente nas tarefas do dia-a-dia (ler uma bula de remédio, andar de transporte coletivo, entender as placas de trânsito, fazer compras, etc).

Porém, a modalidade da EJA foi elaborada para proporcionar “educação” aos sujeitos, que por algum motivo, não conseguiram ou foram impedidos de seguir as etapas de escolarização na idade adequada. Dentre os conflitos que permeiam esse quadro estão: as dificuldades financeiras, que impulsionam a entrada no mercado de trabalho precocemente; gravidez inesperada e constituição familiar; grau de escolaridade dos pais, irmãos e filhos; famílias desestruturadas; etc. Soma-se a isso, um problema que, historicamente, é enfatizado nessa modalidade de ensino: a falta ou a precária formação e capacitação de educadores. Geralmente, os docentes são preparados nos cursos de formação inicial e muitas vezes,

elaboram planos para utilizar materiais didáticos inadequados ao ensino-aprendizagem de jovens e adultos.

Sob essas perspectivas, o professor deve capacitar-se e estar atento às mudanças ao seu redor, buscando de maneira inovadora, simples e eficaz, estratégias de leitura, para que o seu alunado não seja apenas um leitor mecânico, mas que tenha capacidade e habilidade de se tornar um leitor autônomo, em qualquer situação. A EJA deve promover também, a formação de cidadãos críticos-reflexivos, capazes de conviver e atuar ativamente, em mudanças coletivas significantes para mundo letrado.

A Educação de Jovens e Adultos é um desafio para todos que buscam contribuir nesta caminhada, principalmente, as pessoas que estão diretamente interligadas à educação escolar; escolar porque na minha concepção é o lugar onde todos educadores devem ter um olhar diferenciado para esses jovens e adultos que buscam um mundo letrado. As escolas recebem alunos e alunas com idades, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem completamente variados. Eis aí o grande desafio, a escola deve alinhar esses saberes cotidianos à prática educativa-crítica, assumindo-se como colaboradora imprescindível na produção do saber, convencendo-se, definitivamente, de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua construção.

Desta maneira, a unidade escolar, deve ser dinâmica e mutável, valorizando o currículo oculto de cada estudante e propiciando um panorama pedagógico que enfatize além do quantitativo, priorize acima de tudo, o qualitativo, durante todo o processo de ensino-aprendizagem, principalmente, na forma avaliativa do aluno, pois, está também, deve ser um instrumento que instigue a reflexão do professor sobre sua prática em sala de aula.

Faz-se necessário que as esferas governamentais priorizem a área educacional com políticas públicas eficientes e eficazes que proporcionem reflexões críticas e ações pontuais e gerais acerca dos elementos investigados, fazendo com que ocorra a melhoria na qualidade de ensino; que o educador seja percebido como um agente favorável à/de mudança, tanto no que se refere a si mesmo, quanto ao possibilitar modificações positivas em vários aspectos de educando.

Acompanhar o avanço no processo de ensino-aprendizagem é um desafio para a unidade escolar, seja devido aos recursos materiais e/ou financeiros, como também, no aspecto de formação e/ou capacitação docente. Porém, esse contexto faz-se necessário para analisar o desempenho dos alunos, diminuindo o índice de fracasso escolar e a taxa de evasão, especialmente no que diz respeito a EJA.

Por fim, elenco algumas sugestões para melhorar a realidade da instituição escolar observada, durante a realização dessa monografia (que abordou a modalidade EJA), favorecendo dessa forma, o estímulo: aos estudos desses alunos, bem como, a prática educativa dos(as) professores(as): atualização e utilização frequente dos livros didáticos e paradidáticos existentes; reuniões periódicas com pais, alunos e professores(as) para debater diversas temáticas (como, por exemplo, sugestões para aumentar a frequência dos estudantes às aulas: merenda, higienização, infraestrutura, uso do laboratório de informática, etc); convidar palestrantes (que abordem assuntos sociais, econômicos, de saúde, emprego, etc, com foco na formação crítico-reflexiva e cidadã); aquisição e uso de recursos tecnológicos atualizados de áudio e vídeo, como datashow, tablets, videocassetes, etc; estimular a capacitação profissional dos professores e a frequência e desempenho escolar dos estudantes, com um auxílio financeiro (este último ocorre na área municipal através do Programa Pró-Jovem Urbano); elaborar aulas extra-classe; promover aulas com metodologias interativas, dinâmicas e interdisciplinares; enfatizar a EJA na constituição do Projeto Político-Pedagógico escolar; criar, dentro da unidade de ensino, espaços educativos específicos (com professores) para os “filhos da EJA” (iniciativa também do governo municipal), etc.

Assim, tentar modificar uma prática dita “tradicional” ou imposta pelo sistema, é instigar quem “faz educação” a elaborar novas perspectivas de trabalho, é impulsionar o coletivo a tentar se profissionalizar para melhorar a si próprio como cidadão ativo-participativo e aos outros que estão por vir; é plantar uma semente boa, que germine adequadamente e ofereça um fruto produtivo, o qual possa ser aproveitado na propagação de novas plantas, assim, está se educando para a vida.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. _____. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

AROEIRA, M. L.; BIZZOTTO, M. I.; PORTO, A. **A alfabetização linguística**: da teoria à prática. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

BEAUCLAIR, J. **Do fracasso ao sucesso na aprendizagem**: proposições psicopedagógicas. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

BERVIAN, P. A; CERVO, A. L. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

BORDENAVE, J. E. D. A opção pedagógica pode ter consequências individuais e sociais importantes. Revista de Educação - AEC, n. 54, p. 41-45, 1984. In: SANTOS, R. V. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. **Revista Integração**, São Paulo, ano XI, n. 40, p. 19-31, jan./fev./mai., 2005. Disponível em: <http://ftp://www.usjt.br/pub/revint/19_40.pdf>. Acesso em: 04 de junho de 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 23 de junho de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 16 de junho de 2014.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em: 04 de maio de 2014.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Plano Nacional de Educação**. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 01 de junho de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Trabalhando com a educação de jovens e adultos a sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno2.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea_docbase.pdf>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2014.

COLL, C.; SOLÉ, I. A interação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (orgs.) *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação*. Trad. Angélica Mello Alves. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 2, cap. 17, p. 281-297, 1996. In: SILVA, M. G.; RUFFINO, M. C. *Comportamento docente no ensino de graduação em enfermagem: a percepção dos alunos*. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo: Ribeirão Preto, vol. 7, n. 4, out., 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11691999000400007&script=sci_arttext>. Acesso em: 03 de maio de 2014.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS (CONFINTEA) - **Declaração de Hamburgo**: agenda para o futuro. Educação do trabalhador, n. 1. Brasília: SESI/UNESCO. 1999. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Revista Alea**, Rio de Janeiro: RJ, vol. 7, n. 2, p. 305-322, jul./dez., 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DIMENSTEIN, G. **Aprendiz do futuro**: cidadania hoje e amanhã. São Paulo: Ática, 1999.

DI PIERRO, M. C.; HADDAD, S. Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 29-40, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9800.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2014.

_____. **Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos**: consolidação de documentos 1985/94. São Paulo, ago., 1994.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil**. Caderno CEDES, Campinas, v. 21, n. 55, nov., 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622001000300005&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 de junho de 2014.

DORNELES, C. L. e colaboradores. A educação de jovens e adultos na perspectiva das Neurociências. **Revista de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 29, n. 89, p. 244-255, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4862012000200008>. Acesso em: 05 de junho de 2014.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 1999.

FEIL, I. T. S. **A formação docente nas séries iniciais do primeiro grau**: repensando a relação entre a construção do conhecimento por parte do professor e o modo como ensina.

322 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 1995.

FITA, E. C. **O professor e a motivação dos alunos**. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. (orgs.). *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 65-135 p.

FREIRE, P. **Carta a uma alfabetizadora**. São Paulo: Fascículo Vereda, 1986.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Concientización*. Buenos Aires, Ediciones Busqueda, 1974. In: MURARI, J. M. F. **A arte de ensinar**: um aprendizado constante. 2008. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/dtec/article/view/476/266>>. Acesso em: 10 de abril de 2014.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. In: MURARI, J. M. F. **A arte de ensinar**: um aprendizado constante. 2008. Acesso em: 07 de maio de 2014. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/dtec/article/view/476/266>>.

_____.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. cap. 1, p.29-43: *Repensando a alfabetização: um diálogo*. In: SILVA, M. G.; RUFFINO, M. C. *Comportamento docente no ensino de graduação em enfermagem: a percepção dos alunos*. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 4, Out., 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11691999000400007&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 de maio de 2014.

FRIEDRICH, M. e colaboradores. *Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas*. **Revista Ensaio - Avaliação das Políticas Públicas Educacionais**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a11v1867.pdf>>. Acesso em: 14 de Junho de 2014.

GADOTTI, M. **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e propostas. São Paulo: Cortez, 2001.

GENTILE, P.; MOÇO, A.; SANTOMAURO, B. *Para acabar com o abandono na EJA*. **Revista Gestão Escolar**, São Paulo, n. 12, fev./mar., 2011. Disponível em: <<http://gestaoescolar.abril.com.br/formacao/7-acoes-combater-evasao-eja-abandono-623604.shtml?page=2>>. Acesso em: 12 de abril de 2014.

GOMES, E. S. **Metodologia Científica**. João Pessoa: UNIPÊ, 2003.

GRZYBOVSKI, D.; MOZZATO, A. R. *Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios*. **Revista de Administração Contemporânea/RAC**, Curitiba: PR, v. 15, n. 4, p. 731-747, jul./ago., 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2013.

LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. Revista da Ande (Associação Nacional de Educação), n. 6, p. 11-19, 1982. In: SANTOS, R. V. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. **Revista Integração**, São Paulo, ano XI, n. 40, p. 19-31, jan./fev./mai., 2005. Disponível em: <http://ftp://www.usjt.br/pub/revint/19_40.pdf>. Acesso em: 13 de abril de 2014.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Planejamento e avaliação escolar**: articulação e necessária determinação ideológica. n. 15, São Paulo: FDE, 1992. 115-125 p. (Série Ideias).

MIZUKAMI, M. da G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 2006.

ORTIZ, M. F. A. **Educação de Jovens e Adultos**: um estudo do nível operatório dos alunos. 2002. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/code=vtls000248392>>. Acesso em: 13 de maio de 2014.

RIBEIRO, V. M. M. (coord.). **Educação para Jovens e Adultos**: ensino fundamental - proposta curricular - 1º segmento. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>> Acesso em: 28 de setembro de 2006.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil**. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTOS, R. V. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. **Revista Integração**, São Paulo, ano XI, n. 40, p. 19-31, jan./fev./mai., 2005. Disponível em: <http://ftp://www.usjt.br/pub/revint/19_40.pdf>. Acesso em: 13 de abril de 2014.

SANTOS, I. E. **Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 3.ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2002.

SANTOS, P. R. de S.; SANTOS, S. R. de S. **O professor e sua prática**: do planejamento às estratégias pedagógicas [2006?]. Disponível em: <http://www.ceped.ueg.br/anais/IIdipe/pdfs/o_professor_e_sua_pratica.pdf>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2014.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação**: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VICHESSI, B. Não trate alunos de EJA como crianças. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 221, abr. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/infantilizar-estudantes-eja-432129.shtml>>. Acesso em: 22 de abril de 2014.

VIEIRA, M. C. **Memória, história e experiência**: trajetórias de educadores de jovens e adultos no Brasil. 2006. 373 f. Dissertação (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/HJPB-6VZL86/2000000111.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

6. ANEXO I

Questionário Aplicado aos(às) professores(as) da E.E.E.F. Padre Miguelinho

- 1- Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino
- 2- Idade: _____
- 3- Estado Civil: ☐ Solteiro ☐ Casado ☐ Divorciado ☐ Viúvo
- 4- Escolaridade:
☐ Ensino Fundamental
☐ Ensino Médio
☐ Ensino Superior Incompleto
☐ Ensino Superior Completo: ☐ Bacharel ☐ Licenciatura
- 5- Situação Profissional:
☐ Efetivo concursado ☐ Efetivo sem concurso (efetivado) ☐ Contrato temporário
- 6- Faz planejamento semanal para administrar as aulas? ☐ Sim ☐ Não
- 7- É satisfeito com a remuneração que recebe? ☐ Sim ☐ Não
- 8- Faz curso de aperfeiçoamento para melhorar a prática pedagógica? ☐ Sim ☐ Não
- 9- Busca meios alternativos e/ou outros recursos materiais para diversificar sua prática pedagógica? ☐ Sim ☐ Não
- 10- Você se sente motivado para lecionar na EJA? ☐ Sim ☐ Não. Por que? _____

- 11- Como você avalia o desempenho de seus alunos? _____

- 12- Que sugestão você daria para modificar a realidade na sua prática pedagógica, com relação à evasão escolar? _____
